

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de batismo da Plataforma P-52**

**Angra dos Reis-RJ, 14 de junho de 2007**

Meus queridos companheiros, companheiras, só para lembrar: o governador falou em votar no Cristo. É importante lembrar o seguinte, que é a primeira vez que a gente vai votar numa pessoa que não tem partido, tem todos, porque a ideologia dele não defende apenas uma coisa, defende tudo aquilo que nós pensamos. Então, a gente não pode ficar dependendo que alguém de outro país vote em nós, ou seja, nós temos obrigação de dizer, com a nossa própria voz, se a imagem daquele Cristo Redentor é ou não o complemento que Deus fez os homens fazerem para contribuir ainda mais com a beleza que Deus já tinha feito, que são as praias e as cidades do Rio de Janeiro. Para mandar a mensagem pelo telefone não paga nada e o número celular é 49216. Tem que digitar Cristo antes e enviar para o número 49216, depois, você tem o torpedo que é [www.votecristo.com.br](http://www.votecristo.com.br). Eu queria pedir para vocês o seguinte: se o povo brasileiro me deu mais de 50 milhões de votos, porque não pode dar para o Cristo 100 milhões de votos?

Vocês sabem que de vez em quando Deus nos dá lições, porque normalmente nos atos que a gente faz, as autoridades ficam na sombra e o povo fica de cara para o sol. Então, eu acho que na sua sabedoria, Deus deve ter enviado um engenheiro da Petrobras para fazer este palanque, e ele nos colocou com a cara para o sol e agora todos nós, aqui, aprendemos um pouco como é que o povo sofre quando participa dos atos que nós fazemos.

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, que com o seu comportamento e com a sua visão de governador, está permitindo que a gente tenha um trabalho de muita harmonia entre o governo federal e o governo do estado. E podem ficar certos de que essa harmonia entre o governo do estado e o governo federal só trará benefícios para o povo do Rio de Janeiro, só benefícios.

Quero cumprimentar a companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, e quero dizer para vocês que essa companheira foi bem escolhida

para ser madrinha desta Plataforma, porque ela era ministra de Minas e Energia quando nós começamos todo esse projeto, e ela foi uma guerreira. Portanto, ela é uma mulher, eu diria, de uma qualidade extraordinária, que vai provando, cada vez mais, que as mulheres não podem ficar esperando que os seus maridos façam política por elas. Elas precisam fazer política, porque elas podem muito.

Quero cumprimentar o nosso companheiro Nelson Hubner, ministro interino de Minas e Energia, nosso companheiro que está no Ministério desde o começo do governo,

Quero cumprimentar o nosso querido parceiro, lá em Brasília, senador que tem votado junto com o governo e apoiado muito, o nosso querido senador Crivela, Marcelo Crivela,

Quero cumprimentar os deputados federais parceiros das transformações que estamos fazendo no Brasil, o deputado Luiz Sérgio, o deputado Filipe Pereira, o deputado Edson Santos e o deputado Hugo Leal,

Quero cumprimentar o prefeito Fernando Jordão, de Angra dos Reis,

Quero cumprimentar o Ricardo Souza Dutra, presidente da Câmara Municipal de Angra dos Reis,

Tem uma história engraçada: quando eu fui indicar o José Sérgio Gabrielli, primeiro para ser o diretor financeiro da Petrobras – eu faço questão de dizer isso, Zé, para os trabalhadores perceberem os preconceitos que existem neste País – eu já conhecia o José Sérgio há uns 20 anos, sabia das qualidades dele e, além das qualidades profissionais, é baiano, e um companheiro da mais alta qualidade de formação profissional. Eu lembro que quando falei que ia colocar o José Sérgio como diretor financeiro da Petrobras, governador, me disseram o seguinte: “Não coloque, que o mercado não vai aceitar”. É verdade. Eu, primeiro, nunca tinha conversado com esse tal de mercado, ou seja, certamente esse tal de mercado não votou em mim. Eu escolhi o José Sérgio Gabrielli para diretor financeiro, e um ano depois ele foi escolhido como o melhor diretor financeiro de todas as empresas de petróleo existentes no mundo. O nosso companheiro José Eduardo Dutra, que deve estar por aqui, era o presidente da Petrobras. Nós participamos do ato de saída dele, porque ele queria ser candidato – eu bem que dei conselho para ele não ser, mas ele não me ouviu. Esse companheiro foi quem atingiu a auto-

suficiência, e esse companheiro também era daqueles que as pessoas diziam: “Vai colocar alguém que não vai dar certo”.

A verdade nua e crua é que a Petrobras, não apenas pelas qualidades do José Sérgio e do José Eduardo Dutra, mas a Petrobras é uma empresa privilegiada neste País, porque a qualidade dos seus profissionais é invejada em qualquer outra empresa de petróleo. Eu queria não apenas, José Sérgio, te cumprimentar, mas cumprimentar toda a diretoria da Petrobras, cumprimentar todos os companheiros aos quais eu nunca perguntei de que partido são, nunca perguntei para que time torcem, nunca perguntei que religião eles praticam. O dado concreto é que eles estão no cargo que estão porque são, antes de tudo, competentes profissionalmente, e precisam fazer o seu trabalho corretamente.

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Maria das Graças Foster, presidente da BR. Posso dizer para vocês, da Petrobras, e metalúrgicos, aqui, que essa também é uma guerreira de uma dimensão fabulosa, ou seja, eu acho que é outro exemplo de companheira da Petrobras que demonstra o alto grau de “finesse” profissional que tem a diretoria da Petrobras.

Quero cumprimentar outro companheiro – esse não é de carreira da Petrobras, esse é político – que é o nosso companheiro Sérgio Machado, presidente da Transpetro, um presidente que agora assumiu o compromisso de cumprir a nossa promessa de campanha. Já encomendamos 26 navios, 19 já estão contratados, quatro vão ser contratados nos próximos dias e três serão contratados para o Porto de Itajaí. Esses navios, logo, logo, estarão sendo construídos em estaleiros do Rio de Janeiro, estaleiros do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, estaleiros no Porto de Suape, em Pernambuco, e a maioria sempre aqui, no Rio de Janeiro. Sempre aqui, no Rio de Janeiro a maioria, Sérgio Cabral.

Quero cumprimentar aqui o embaixador Choo, o embaixador não-residente de Cingapura e presidente da Keppel,

Quero cumprimentar o Gilberto Israel, presidente do Estaleiro Brasfels,

Quero cumprimentar os secretários estaduais, secretários municipais, vereadores, todos os diretores da Petrobras, gerentes, todos os metalúrgicos aqui presentes e adjacentes, as esposas dos metalúrgicos, os filhos dos

metalúrgicos e mais quem vocês quiserem que eu cumprimente, eu cumprimento.

Quero cumprimentar o Ariovaldo Rocha, presidente do Sindicato da Indústria Naval,

E quero cumprimentar – e aqui eu vou fazer uma tese para conversar com vocês, se vocês permitem as minhas barbas brancas, eu vou dar um conselho para vocês. Eu vi que na hora em que foi anunciado o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, ele tomou uma vaia. Eu vi. E eu vou dizer isso, porque a gente vai vivendo de lição em lição e a gente vai aprendendo. Em 1979, eu que era tido como um dos mais importantes dirigentes sindicais do País. Fiz uma greve e, ao terminar a greve, numa assembléia com 100 mil metalúrgicos, eu saí vaiado, porque os trabalhadores imaginavam que eu e a diretoria os tínhamos traído. Foi um ano de inferno na minha vida. Eu ia à porta da fábrica, a peãozada não queria conversar comigo. Então, um dia eu disse para a diretoria: nós vamos para a porta da fábrica e vamos provar para os trabalhadores que nós estávamos certos e se eles querem fazer greve, vamos fazer uma greve ainda maior no próximo período.

Em 1980, nós fizemos uma greve de 45 dias. Eu sabia que os trabalhadores não agüentavam uma greve de 45 dias. Eu sabia que era muito fácil falar, mas no final do mês, quando não vem o pagamento, que a gente tem que pagar a conta de luz, levar leite para casa, comprar o gás, colocar o feijão e o arroz na mesa, a gente não agüenta. E aí, o companheiro ia à assembléia, levantava o braço que queria continuar a greve, virava as costas e ia trabalhar. Foi a maior lição que tive na minha vida. Nós não ganhamos nada, voltamos a trabalhar de graça, entretanto, os trabalhadores aprenderam a lição de que o acordo de 1979 tinha sido um bom acordo.

Eu estou dizendo isso porque se tem uma coisa que eu tenho experiência na vida é de movimento sindical. No movimento sindical, às vezes a gente tem emoções e não tem emoções, a gente às vezes descarrega os nossos dissabores e angústias em cima do companheiro, e eu queria dizer para vocês terem paciência, porque se tem uma greve que não foi bem-sucedida, outra poderá ser melhor sucedida. Às vezes a gente pode ter um acordo até melhor, até sem precisar fazer greve. A gente pode fazer isso, até sem precisar fazer greve.

Por isso eu queria dizer ao companheiro que não desanimasse não, que fosse à luta, porque quem está na guerra sabe que tem altos e baixos todo santo dia. Tem gente que acha que tudo se resolve com a greve. A greve, às vezes, não resolve tudo, pelo contrário, às vezes ela ajuda, às vezes ela cria problemas e a gente tem que saber medir politicamente qual é o momento em que a gente faz a greve e os objetivos claros que a gente deseja com ela.

De qualquer forma, eu quero dizer para vocês que a minha vinda aqui, eu não sei quantas vezes eu já vim aqui, umas 10. Eu acho que se eu fosse em casa o tanto de vezes que eu venho aqui, a dona Marisa estaria mais feliz comigo. Eu não vou nem ler discurso. O engenheiro que fez o palanque não só colocou a gente no sol, como colocou a gente torto. O povo está ali e a gente não consegue ver uma parte considerável da torcida que está na arquibancada.

Mas José Sérgio é governador, eu queria dizer uma coisa para vocês, o porquê do meu orgulho de estar aqui com vocês. Eu conheci uma única vez na vida uma crise de desemprego. Em 1965, a maioria aqui não era nem nascido, eu fiquei um ano e dois meses desempregado. E estavam desempregados um irmão meu e duas irmãs. Por isso, eu tenho a mais nítida consciência do que é um pai de família desempregado chegar em casa, depois de levantar todo dia de manhã para procurar emprego, chegar em casa com os vizinhos achando que ele é vagabundo, que não quer trabalhar. Chegar em casa e a mulher, por melhor que seja, às vezes não entender porque está há tanto tempo desempregado e começar a ter atrito dentro de casa. A gente chegar em casa e ver os filhos pedirem coisas elementares que a gente poderia dar, e a gente não ter o dinheiro para comprar. E a gente vai ficando incomodado. Tem chefe de família, Dilma, que depois de alguns meses desempregado, não tem mais coragem de sair de casa de vergonha, por estar desempregado.

Eu, há uns oito anos, se não me falha a memória, o Luiz Sérgio era prefeito de Angra e me convidou para vir passar umas férias aqui. Ele arrumou a casa de um companheiro dele e eu vim. Eu passei aqui por este estaleiro, tinha três ou quatro pessoas aqui e o mato tinha tomado conta de tudo, estava tudo enferrujado. Eu, que passei metade da minha vida dentro de uma fábrica, comecei a matutar como era possível um país que já tinha tido, na década de 70, a segunda indústria naval do mundo, como poderiam ter deixado desaparecer, como que a gente podia simplesmente ter desmontado um setor

da economia brasileira, com potencial extraordinário. E a gente simplesmente tinha desmontado, jogado milhares de trabalhadores ao léu, nós tínhamos levado trabalhadores ao desespero. A gente estava comprando tudo. Tudo o que a gente precisava fazer, tinha que comprar, ou em Singapura, ou na Noruega, ou na Espanha ou comprava não sei onde. Nada contra esses países, nós queremos ser os melhores parceiros deles, mas, pelo amor de Deus, eu, antes de pensar em qualquer coisa, eu tenho que pensar que uma nação só é nação se as pessoas estiverem trabalhando, comendo e estudando, senão isso não é nação, senão isso não resolve os problemas das pessoas.

Pois bem, nós fizemos esse desafio. Alguns acreditavam, outros não acreditavam, e hoje eu estou aqui na frente desta extraordinária plataforma que entra na água, este mês agora? Vai para o alto mar? Então, vocês vão ver a produção de vocês sair para alto mar e, daqui a alguns dias, começar a tirar petróleo lá de perto do Japão, porque vocês viram, 1 mil e 800 metros de lâmina de água, mais uns 2 mil metros lá para baixo, logo, logo vem um japonezinho assim grudado. Logo, logo vai furar o Planeta, vai se encontrar uma broca da Petrobras com uma broca da Venezuela, com uma broca da Rússia, e aí furaram o mundo. Ou seja, esse é o espetáculo, não da natureza, um espetáculo da inteligência humana, um espetáculo da engenharia da Petrobras, um espetáculo de profissionais que foram bem formados.

Mas eu sei que quando esta for para o mar – ainda vai ter a 51, que vocês vão trabalhar até dezembro –, daqui a pouco ela vai para o mar e vocês já estão ficando angustiados: “espera aí, esse Lula vem aqui falar bonito, o governador falou bonito, a Dilma falou bonito, o ministro falou bonito, o José Sérgio Gabrielli falou bonito, mas e a gente? A partir de dezembro, esta plataforma estará pronta e vai embora, e nós, como é que ficamos?”

Essa é a preocupação, meus companheiros de Cingapura, meus companheiros dos estaleiros, meus companheiros da indústria naval, meu companheiro José Sérgio Gabrielli, essa é a inquietação que já começa a tomar conta dos pais de família e dos trabalhadores aqui.

Isso é como um ninho de passarinho, o passarinho e a passarinha vieram, botaram os ovos, chocaram, e tudo isso aqui é filhote desse passarinho. A gente não pode deixar que venha um chupim derrubar os ovos

do tico-tico para colocar ovos nele. O que nós queremos é que a Petrobras negocie com as empresas com a seriedade que sempre negociou, mas tendo um rumo: nós precisamos, mais do que queremos, não é que nós queremos, nós precisamos, que a P-56 seja feita aqui. E tem a reforma da P-53. Logo, logo, a Petrobras vai pensar nas 57, 58, 59, 60, 61. Logo, logo, vocês vão estar produzindo essa coisa tão extraordinária, que outros países do mundo vão falar: “Bom, vamos comprar plataforma, vamos encomendar do Brasil.”. Aí, a gente vai começar a mandar para fora.

Mas, para isso, nós precisamos consolidar a nossa capacidade profissional, com muita formação. Os companheiros que têm curso para fazer, por favor façam o curso, porque o que vai garantir a produção ficar aqui é a capacidade do nosso trabalho, é a qualidade do nosso trabalho, é a criatividade do nosso trabalho. Então, nós, que durante quase 30 anos, tivemos desmontada a nossa indústria naval, nós agora estamos recuperando e precisamos, juntos, recuperar a extraordinária capacidade profissional que nós já tivemos neste País.

Então, companheiros da indústria naval, companheiros de Cingapura, companheiro José Sérgio Gabrielli, eu não disse “eu quero”, porque eu sou o presidente da República, eu não posso impor à Petrobras, que é uma empresa que, segundo o José Sérgio, tem ações na Bolsa de Nova Iorque, não posso. Eu apenas estou dizendo o seguinte: José Sérgio, nós estamos pedindo porque nós precisamos que essa peãozada não seja mandada embora. Você já viu passarinho novo, como é que fica, com o biquinho aberto, pedindo comida? Todo esse pessoal aqui tem, em casa, um monte de passarinho novo pedindo comida, e a gente não pode acabar com o nosso alpiste. Bem, essa era uma coisa que eu queria dizer para a Petrobras.

A outra coisa, companheiros, é que nós estamos vivendo um momento no Brasil que eu acho que em 100 anos de República nós não vivemos. As coisas andando, tudo certinho no Brasil. A economia está crescendo, vocês viram ontem o PIB, que cresceu, no segundo bimestre, 4,3%. Obviamente que eu estou sempre querendo mais, mas há uma tendência de que vai crescer mais no terceiro trimestre, depois vai crescer mais no quarto trimestre, depois vai continuar crescendo no primeiro trimestre de 2008, no segundo, no terceiro, por quê? Porque o País está preparado para ter uma caminhada longa de

crecimento sem precisar passar por nenhum susto, sem precisar que o presidente da República fique inventando uma mágica, que anuncie de noite na televisão para vocês, aí vocês ficam todos felizes e, no dia seguinte, o plano não dá certo e vocês quebram a cara. Porque, no fundo, no fundo, sobra sempre para o mais fraco, o inventor do plano vai dar aula no exterior ou vai trabalhar num banco aqui, no Brasil.

O único plano que eu tenho é o plano da seriedade. É um plano que eu não posso errar, porque se eu errar vai quebrar nas costas dos mais fracos neste País, vai quebrar nas costas dos trabalhadores. Então, é com essa convicção que eu trabalho. Por isso que eu dou os passos mais devagar, porque na minha idade se eu der um passo muito avançado, tem uma coisa chamada distensão e eu vou ficar três meses mancando sem poder levantar, pedindo para a Marisa me acordar de noite e me acompanhar até um lugar. Não vou. Então, com todo cuidado do mundo. Nós sabemos, José Sérgio, que só na categoria metalúrgica, nesses quatro anos, nós criamos 400 mil novos empregos com carteira profissional assinada. E vamos criar muito mais porque a indústria automobilística está produzindo muito mais, porque a indústria siderúrgica está crescendo muito mais. A indústria automobilística, só para vocês terem uma idéia, no ano passado chorava que ia ter desemprego, este ano querem chegar a 2 milhões e 700 mil carros produzidos, dos quais 85% vendidos aqui dentro são *flex-fuel*, é tecnologia nossa, é um tanque em que a gente pode colocar 100% de gasolina ou 100% de álcool.

Portanto, só peço a vocês o seguinte: otimismo. É preciso que a gente tenha otimismo. Este País precisa parar de pensar negativamente, nós precisamos pensar que depende de nós, não depende de mais ninguém. Antigamente diziam: “nós precisamos de dinheiro de fora aqui dentro.” Hoje, nós temos 140 bilhões de dólares de reserva, estão guardados, não devemos ao FMI, não devemos ao Clube de Paris, não devemos nada. Há dez anos atrás, se eu viesse aqui estariam todos vocês com a faixinha: “Fora FMI.” Não tem mais FMI, não devemos mais. Aliás, o FMI está doido, viu Sérgio, porque ninguém está precisando dele. E nós pagamos porque queremos ser donos do nosso nariz, nós queremos tomar conta de nós mesmos. Então, as coisas estão bem. Posso dizer para vocês que, obviamente, eu quero muito mais e vocês também querem muito mais, mas a gente tem que ir nas caminhadas



como a gente aprendeu desde pequeno.

A segunda coisa importante é o seguinte: o meu querido governador disse que eu vinha aqui entregar mil carros. Não, foram carros, motocicletas, ambulâncias, peruas blindadas, helicópteros, porque nós estamos aproveitando o PAN, na verdade, vai ter aqui, no PAN, 1 mil e 736 veículos entre ambulâncias, motocicletas, peruas, carros de polícia, e nós vamos fazer do Rio de Janeiro uma espécie de teste símbolo de uma nova política de segurança, porque quando o PAN for embora, grande parte das coisas que veio para o PAN, o companheiro Sérgio sabe, vai ficar aqui no Rio de Janeiro.

A coisa mais importante que nós estamos fazendo, porque o nosso PAN vai ser chique, não pensem que é negócio meia-boca, não, aquele negócio de país de Terceiro Mundo: “ah, nós somos pobrezinhos, vamos fazer uma coisa bem pobrezinha que quando o jogador estiver lutando, vai cair em cima dele.” Não. Nós estamos fazendo uma coisa para botar inveja. Pode vir americano, pode vir canadense, pode vir, é de dar inveja. É, possivelmente, a melhor coisa já feita em todos os Jogos Pan-Americanos, é tudo de primeira qualidade. Tudo para ficar aí. E quando terminar o PAN vai ficar para o povo do Rio. O Rio de Janeiro pode fazer eventos todo ano, e a gente vai poder ter orgulho, porque o Joãozinho Trinta dizia, em 1978: “quem gosta de miséria e coisa feia é intelectual, pobre gosta de coisa boa, de qualidade, de luxo.” É isso.

Bem, mas não é apenas isso, eu vou vir agora, daqui a uns 10 dias, não é Dilma? Daqui a uns 10 dias eu vou vir outra vez aqui no Rio de Janeiro. Vou na capital, no Palácio do Governador, porque nós estamos fazendo, aqui no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, não, no Brasil, o maior programa de saneamento básico que este País já viu. No PAC, que é o programa de aceleração da economia, nós vamos investir, até 2010, 504 bilhões de reais, 146 bilhões entre habitação e saneamento básico, dos quais, 40 bilhões só para saneamento básico. Aqui, no Rio de Janeiro, vão ser mais de 2 bilhões de reais investidos em saneamento básico.

O que nós fizemos? Nós decidimos fazer na região metropolitana, onde está a maior concentração de favelas, portanto, a maior concentração de violência ou de possibilidade de violência. Então, nós vamos à Baixada Fluminense, às principais cidades e à cidade do Rio de Janeiro, eu vou dar dois exemplos: Complexo do Alemão e Manguinhos. Nós vamos fazer uma

intervenção estruturante ali, para a gente mudar não apenas a qualidade de vida do povo, mas mudar a cara do Rio de Janeiro, para melhorar, para recuperar a auto-estima desse povo extraordinário que, muitas vezes, liga a televisão e parece que aqui só tem morte, só tem bandido, quando 99% são homens e mulheres trabalhadores que levantam de manhã, se matam de trabalhar e, depois, não vêem isso na televisão, não vêem isso nos jornais. Então, é essa coisa de a gente gostar da gente mesmo, de a gente se admirar, de a gente se respeitar e de a gente gostar da rua em que a gente mora, da casa em que a gente mora, que a gente vai ajudar a construir com o PAC.

Mas não é apenas isso para o Rio de Janeiro. O aeroporto do Rio de Janeiro está ficando um brinco, chiquérrimo. Não é mais o cara pegar um ônibus, sair na chuva, agora tem finger. Eu, quando aprendo a falar essas palavras assim bonitas, em inglês, eu gosto de repetir, para o povo saber que eu sou chique.

Pois bem, mas não é apenas o aeroporto, não. Eu acho, José Sérgio, quanto tempo aí, um mês, dois meses? O começo da terraplanagem do nosso grande Pólo Petroquímico de Itaboraí. Mais ou menos em julho nós vamos começar o maior complexo petroquímico deste País, em Itaboraí. Quanto de dinheiro, José Sérgio? Nove bilhões... Olha, gente, que chique. Vocês viram que ele falou "dólares". Oito bilhões e quatrocentos milhões de dólares. Sabe por que isso? Significam 16,8 bilhões de reais que a gente vai investir na região de Itaboraí, vai melhorar a vida de Niterói, de São Gonçalo e de toda aquela região, vai gerar empregos demais da conta, e a gente acha que é por isso que vale a pena a gente governar. Se não for para fazer isso, não vale a pena.

Portanto, eu ainda vou vir muitas vezes ao Rio de Janeiro, para que a gente comece a anunciar obras. Eu vou passar quatro anos sem falar mal do Sérgio Cabral, ele vai passar quatro anos sem falar mal de mim, e sabe quem vai ganhar com isso? São homens e mulheres deste estado aqui, que merecem ter um governador da qualidade do Sérgio Cabral, que merecem ter um governador que ande de cabeça erguida.

No mais, meus companheiros e companheiras, eu poderia ficar tagarelando aqui, porque o sol, graças a Deus, desapareceu, essa é a vantagem de falar por último. Mas eu queria dizer para vocês o seguinte: depois de a gente recuperar a indústria naval brasileira, nós vamos recuperar a

Marinha Mercante brasileira. Não tem explicação um País do tamanho do Brasil, que exporta 150, 160 bilhões de dólares por ano, não ter uma Marinha Mercante poderosa. Aí, nós vamos ter que fazer parcerias outra vez, meu caro governador, meu caro empresário da indústria naval, e nós vamos fazer a indústria naval voltar a produzir os navios que nós precisamos.

Tem também Angra 3, gente. Para a gente crescer acima de 5%, nós vamos ter que dizer aos investidores que não vai faltar energia neste País a partir de 2012, porque até lá está garantido, mas nós precisamos produzir. E não tem nenhum sentido... a energia nuclear é uma energia limpa, não polui, não emite CO<sub>2</sub>, portanto, não vai causar o efeito estufa no planeta Terra. Se for termelétrica de carvão, sim, se for termelétrica de óleo diesel, sim, mas essa é nuclear e a tecnologia do Brasil é perfeita. Posso dizer para vocês, nunca acontecerá no Brasil o que aconteceu em Chernobil, nunca. Não vou entrar mais em detalhes, porque não conheço todos os detalhes, mas paro por aqui.

A última coisa, companheiros, eu queria dar um dado para vocês, que é importante vocês saberem. Vocês estão lembrados do nosso programa Luz para Todos. O programa Luz para Todos já atendeu metade das pessoas que a gente queria atender, de 12 milhões de pessoas já atendemos 6 milhões, não é Nelson? Para vocês terem a dimensão do que significa o programa, vocês sabem quantos quilômetros de fios nós já utilizamos no programa Luz para Todos? 470 mil quilômetros de fios. Daria para enrolar o planeta Terra umas 80 vezes, ou seja, nós já colocamos 2 milhões, 780 mil postes, nós já colocamos 380 mil transformadores. Por conta de todos esses números, o povo que recebeu o Luz para Todos já comprou 470 mil televisores e 360 mil geladeiras. Então, esses são apenas alguns números para vocês irem percebendo que na hora em que o dinheiro sai do cofre do governo e começa a se espalhar em benefícios para a sociedade, as coisas aparecem, e aparecem de forma muito forte.

José Sérgio, você que não é do Ministério de Minas e Energia, é petroleiro, eu vou dizer uma coisa. Você sabe, José Sérgio, que nós, governador, agora, em quatro anos e meio, nós fizemos de linhas de transmissão no Brasil, 25% de tudo o que foi feito em 123 anos. Imaginem, de tudo que foi feito em 123 anos, nós, em quatro anos e meio, fizemos 25%.

Mas eu vou dar um dado importante para vocês. É por isso que de vez em quando aparece um inimigo nosso nervoso. Vou dar mais um dado para vocês, e esse é importante. A primeira escola técnica feita no Brasil foi em 1909, se não me falha a memória, no governo Nilo Peçanha. Em 1909, foi feita a primeira escola técnica profissional. De 1909 até 2003, portanto, 97 anos mais ou menos, foram feitas 140. Em 2010, quando eu entregar o governo, nós vamos ter feito 160 novas escolas técnicas no País. Significa que em oito anos nós fizemos mais do que tudo o que foi feito em 97 anos neste País.

Vocês, quando andarem pelo Brasil, em cada cidade-pólo em que vocês chegarem, vai ter uma extensão universitária e vai ter uma escola técnica, porque somente o investimento na educação e na formação do nosso povo vai transformar o Brasil numa nação definitivamente rica e poderosa. É para isso que nós trabalhamos.

Portanto, meus companheiros e companheiras, eu quero me despedir. Você quer me dar um livro? Tem cinco ou seis pedindo este boné aqui, eu não sei para quem jogo. Eu não posso perder um voto, se eu der para um, perco sete, devagar.

Eu queria dizer para vocês o seguinte, companheiros: fiquem tranquilos, não percam o sono, porque nós vamos trabalhar com a Petrobras, vamos trabalhar com o governador e vamos fazer todos os ajustes necessários para que a gente possa fazer a P-56 aqui, para vocês terem mais alguns anos de tranquilidade neste estaleiro.

Que Deus abençoe todos vocês e permita que a nossa família possa viver em paz durante muito tempo.

Um abraço companheiros.